



# O Monte do Tosco 1:

*Uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana.*

ANTÓNIO CARLOS VALERA <sup>1</sup>

O povoado do Monte do Tosco 1 foi identificado pela EDIA (SILVA, 1996: 151) no âmbito do plano de minimização de impactes da barragem do Alqueva. Verificando-se que parte da área deste povoado ficava a uma cota submergível, foi proposta a realização de trabalhos arqueológicos, tendo o sítio sido integrado no Bloco 9, cuja execução ficou a cargo da empresa ERA-Arqueologia Lda<sup>2</sup>. Administrativamente, o sítio arqueológico do Monte do Tosco 1 situa-se na exploração agrícola do

mesmo nome, pertencente à freguesia da Luz, concelho de Mourão, distrito de Évora. As suas coordenadas são GAUSS M265.5; P148.7 a uma altitude máxima de 162 m (C.M.P., 1:25000, fl. 492).

O povoado foi implantado num cabeço alongado, com vertentes de declive bastante acentuado (excepto por Noroeste), terminando em escarpa sobre a Ribeira de Alcarrache. Embora o cabeço não se destaque de forma proeminente na paisagem envolvente,

<sup>1</sup> Arqueólogo da ERA-Arqueologia, Lda. Doutorando em Pré-História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>2</sup> O Bloco 9 corresponde, no plano de minimização, aos períodos da Idade do Bronze e Idade do Ferro na margem esquerda do Guadiana e tem a coordenação científica de João Albergaria, António Carlos Valera e Miguel Lago. As escavações tiveram direcção de António Carlos Valera. Equipa: Pedro Aldana, Elena Moran, Ana Cristina Ramos, Samuel Melro, Maria João Jacinto, Maria Gertrudes Branco, Jaquelina Rosa, Artur Rocha (arqueólogos), Páscoa Perdigão e Paula Maurício (técnicos auxiliares), Pedro Braga (topógrafo), Maria João Valente e Ana Pando (arqueozoólogas), José Pedro Machado e Maria João Sousa (desenhadores).

Figura 1  
Povoado do Monte do Tosco visto de Oeste.



de topografia ligeiramente ondulante, a cota do topo permite-lhe ter um domínio visual relativamente extenso.

O substrato rochoso local é composto por xistos do Silúrico, que se apresentam frequentemente argilosos e finos devido a alteração, o que lhes confere uma coloração avermelhada ou esbranquiçada. Nas áreas de menor alteração dos xistos foram abertas pedreiras que pontuam todo o cabeço e que afectaram contextos arqueológicos. Existem, ainda, algumas intercalações filoneas de quartzo.

## 2. A intervenção arqueológica<sup>3</sup>

Foram inicialmente programadas duas campanhas de escavações, tendo a primeira decorrido em 1999 (VALERA, 1999) e a segunda em 2000. Os trabalhos abrangeram quatro sectores: os sectores 1 e 2 localizados na área superior do cabeço (sendo que o sector 1 se estende pela vertente Oeste), apresentando, respectivamente áreas de 67 m<sup>2</sup> e 36 m<sup>2</sup>, e os sectores 3 e 4 situados na plataforma sul, respectivamente, com 12 m<sup>2</sup> e 112 m<sup>2</sup>, sendo a área total escavada de 227 m<sup>2</sup>. As metodologias utilizadas seguiram as propostas de P. Barker e E. Harris, processando-se a escavação através da definição e registo de Unidades Estratigráficas (UE), cuja correlação permitiu a leitura e interpretação das várias sequências estratigráficas. Os materiais foram sistematicamente registados por UE e coordenados tridimensionalmente (materiais não significativos, como os bojos, foram registados por UE e por m<sup>2</sup>). As terras dos solos de ocupação identificados foram parcialmente crivadas.

No conjunto dos quatro sectores intervencionados, foram identificadas várias sequências de solos, estruturas e

### FORAM IDENTIFICADAS DUAS

### GRANDES FASES DE OCUPAÇÃO DO

### SÍTIO: UMA PRIMEIRA,

### CORRESPONDENTE AO CALCOLÍTICO,

### UMA SEGUNDA, DATANDO JÁ DO

### INÍCIO DA IDADE DO BRONZE

derrubes que documentam duas grandes fases de ocupação do sítio: uma primeira, correspondente ao Calcolítico, em que a ocupação abrangeria toda a área do povoado; uma segunda, datando já do início da Idade do Bronze, onde a área efectivamente ocupada parece restringir-se ao topo do cabeço.

#### 2.1 A Fase I: o Calcolítico Pleno

O primeiro momento corresponde à fundação e vida plena do povoado e foi reconhecido em todos os sectores escavados. A ele correspondem vários solos de ocupação (GOMEZ FUENTES, 1978) e estruturas arquitectónicas. Entre estas últimas encontra-se uma estrutura amuralhada plurifuncional registada no Sector 4, que serviu como contenção para a criação de uma plataforma habitável, mas também para delimitar e possivelmente proteger a área habitacional. A esta fase pertencem também outro tipo de estruturas, constituídas por muros de tendência circular associados a ocupações de cariz doméstico. Estas últimas foram registadas nos Sectores 1, 2 e 4.

##### 2.1.1 Estratigrafia e estruturas

No **sector 1**, a primeira fase de ocupação dá-se directamente sobre o substrato rochoso ou sobre um depósito argiloso arqueologicamente estéril (UE14), que preenchia depressões e fracturas nos xistos de base. Nesta área do povoado a ocupação do Calcolítico Pleno aparece consubstanciada no Ambiente 3,

composto por troços (UEs 9 e 27) de um muro que delimita a Oeste e a Noroeste a área onde se formaram os solos de ocupação UE7 e UE30. Estes solos revelaram uma intensa ocupação, expressa pela densidade de materiais arqueológicos (Quadro 1). O muro identificado, com cerca de 80 cm de largura, estava reduzido à fiada de base, tendo a sua parte superior desmoronado para o exterior (Oeste), no sentido da inclinação da vertente, formando um derrube não muito extenso. Os troços do muro prolongam-se pelos cortes norte e sul da área escavada, não tendo sido possível perceber exactamente o tipo de estrutura em presença e qual a sua configuração global.

No **sector 2**, as realidades estratigráficas relacionadas com esta primeira fase não foram integralmente escavadas até ao substrato rochoso. Aí identificou-se uma estrutura de cabana (Ambiente 2), de tendência circular com um diâmetro de cerca de 4 m, definida por dois troços (UEs 205 e 209) de muro com uma largura média de 80 cm, que entram pelo corte Este. O solo correspondente à ocupação interior desta estrutura (UE 204), bem como os depósitos imediatamente exteriores (UEs 206, 207 e 208), só foram parcialmente escavados, tendo fornecido um conjunto de materiais equivalente ao registado no sector 1 e com uma densidade igualmente elevada (tomando em conta o carácter parcelar da escavação).

O **sector 3** foi o que forneceu menos informação, tendo-se identificado, na base de uma sequência de depósitos de escorrência, um solo de ocupação (UE 303), no qual se registaram fragmentos de argila (revestimento ?) e uma série de pedras formando, aparentemente, um pequeno alinhamento interrompido (UEs 304 e 305).

No **sector 4**, aproveitando a presença local de sedimentos argilosos, resultado de alterações dos xistos, ou depositando esses sedimentos em áreas em que aflorava o substrato rochoso, criou-se uma superfície (UE 429), ligeiramente inclinada no sentido da vertente (para Sul, nesta área), de forma a receber duas estruturas pétreas amuralhadas, de traçado paralelo. Esta construção datará do momento de fundação do sítio. É impossível dizer qual dos troços foi construído primeiro, devendo a sua edificação ser considerada como simultânea, no sentido de que ambos parecem pertencer a um mesmo momento de planeamento e construção.

A estrutura interior (U E404) apresenta 1,20 metros de espessura máxima e assenta ora directamente sobre o substrato rochoso ora na camada de sedimentos argilosos. A sua face exterior apresenta conservadas duas a três fiadas de pedras sobrepostas. Estas são sempre de dimensões maiores que as pedras que constituem o miolo e a face interna da estrutura. Contudo, as pedras da fiada superior do paramento externo são sempre as de maiores dimensões. Não apresentam qualquer tipo de aparelho, sendo aglomeradas por uma matriz argilosa com as características dos sedimentos observados na UE429. Esta estrutura apresentava, pelo interior, uma face bastante irregular.

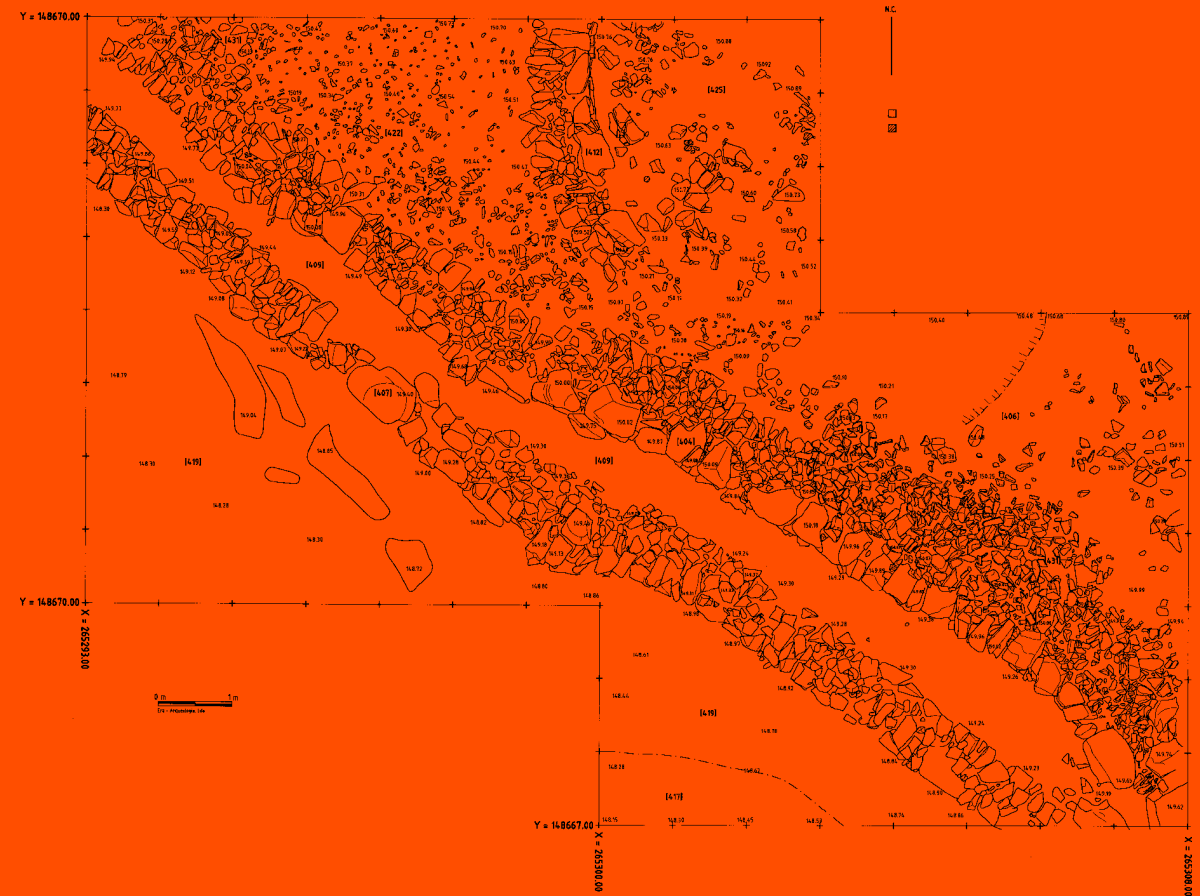
A estrutura exterior (UE 407) assentava também na UE 429 ou pontualmente no afloramento rochoso. Corresponde a um muro mais fino (cerca de 1 metro de espessura máxima) e com uma altura conservada menor. Esta, tal como sucede com a estrutura UE 404, era maior pelo exterior (atinge os 40 cm) do que pelo interior (não ultrapassa os 20 cm), situação que se fica a dever à necessidade de um maior número de fiadas de pedras pelo exterior, como forma de vencer o

<sup>3</sup> Este texto corresponde a um resumo dos aspectos mais significativos dos relatórios dos trabalhos arqueológicos de 1999 e 2000.



Figura 2  
Aspecto das estruturas de  
contenção / delimitação / fortificação no Sector 4.

Figura 3  
Estruturas registadas no Sector 4  
(Fase 1 de ocupação).



declive da vertente. Este muro exterior utiliza pedras de médias dimensões, igualmente sem aparelho e aglomeradas com o recurso ao mesmo tipo de sedimento argiloso.

As matérias-primas utilizadas na construção de ambas as estruturas são locais, sendo maioritariamente constituídas por rochas xistosas. O recurso ao quartzo, que existe localmente em filão, é pontual.

O “corredor”, definido por estas duas estruturas subparalelas, apresentava-se preenchido por sedimentos argilosos alaranjados (UE 409), idênticos aos da UE 429. Esta unidade, que forneceu apenas alguns fragmentos de cerâmica e unicamente na sua parte superior, preenchia o espaço intermuros, encostando a Norte a meio da face externa do muro UE 404 e a Sul ao topo conservado do muro UE 407.

Sensivelmente a meio da metade Oeste do muro exterior definiu-se uma abertura (UE 431) que apresenta uma largura de cerca de 60 cm. Esta

abertura permitiria a entrada do exterior para o “corredor” intermuros. Nessa zona de entrada foram detectados restos de carvões concentrados e argila queimada. Esta possível entrada viria, em determinado momento da vida do povoado, a ser encerrada com a colocação de lajes e pedras de xisto.

A construção do muro interior UE 404 teve, em grande medida, como finalidade o servir de estrutura de contenção para a criação de uma plataforma aplanada artificial sobre a qual se desenvolveram as ocupações de carácter residencial. Pelo interior são depositados e compactados os sedimentos argilosos alaranjados e no contacto com a estrutura UE 404 são colocados empedrados (UEs 431 e 432), interpretados como estruturas de drenagem das águas que escorreriam pela superfície dos depósitos argilosos, que apresentam características pouco permeáveis. Este nivelamento atinge o topo da estrutura UE 404 do lado Leste, ficando alguns centímetros abaixo no lado Oeste. Criou-se, assim, um socalco

nivelador do declive do terreno, originando uma plataforma, ligeiramente inclinada a Sul, que serviu de suporte à ocupação deste espaço.

A inexistência de derrubes significativos associados à estrutura UE 404 sugere que a mesma não teria um desenvolvimento em altura, pelo menos em pedra. Esta situação parece reforçada pelo facto de sedimentos correspondentes a solos de ocupação chegarem a sobrepor parcialmente partes desta estrutura. Assim, a sua principal função seria a de contenção e estruturação de uma plataforma artificial. A possibilidade de existir algum desenvolvimento vertical realizado em terra não é de excluir na totalidade, sendo de salientar, contudo, a inexistência de vestígios destes sedimentos sobre a estrutura, ou de vestígios de derrubes a ela directamente associados.

Pelo contrário, ao muro UE 407 encontram-se associados, pelo exterior, dois momentos de derrube: um de

elementos pétreos (UE 417) e, sob este, um outro constituído por sedimentos argilosos e algumas pedras (UE 419). Estes derrubes e o seu posicionamento estratigráfico sugerem que o muro UE 407 se desenvolveria mais em altura; em pedra até determinado ponto e, a partir daí, em terra.

No seu conjunto, estas estruturas parecem ter desempenhado funções múltiplas. Para além dos simbolismos e efeitos psicológicos inerentes a qualquer estrutura positiva, estas construções delimitam o espaço habitado (note-se que fora delas não se detectaram vestígios de ocupação), estabelecendo uma compartimentação física, funcionando como estruturas de contenção para a criação de uma plataforma aplanada, mas ao mesmo tempo como estruturas de delimitação e como barreira protectora.

Na área escavada pelo interior destas estruturas de contenção/delimitação/fortificação, identificaram-se vários momentos de ocupação, todos eles integráveis numa fase plena do



Calcolítico regional, mantendo-se uma elevada densidade de materiais.

Um primeiro momento surge consubstanciado nos solos de ocupação UEs 422 e 425 e por vestígios de duas estruturas muito degradadas: UEs 424 (lareira ?) e 433 (muro ?). Um segundo momento corresponde à edificação de um muro de uma estrutura de tendência circular (UE 412), à ocupação interior dessa estrutura (Ambiente 4) e à formação de depósitos exteriores. Na ocupação interna da estrutura definiram-se ainda dois sub-momentos: um, inicial, consubstanciado nos depósitos UEs 421 e 420 e outro, posterior, relacionado com o solo UE 413 e com o que parece ser uma estrutura de tipo lajeado (UE 435). Pelo exterior deste ambiente, mas com ele directamente relacionados, formaram-se uma série de depósitos (UEs 418, 414, 423 e 427), que proporcionaram numerosos registos artefactuais.

### 2.1.2 Conjuntos artefactuais e dados faunísticos

A primeira fase do sítio revelou, em todos os sectores intervencionados, uma considerável intensidade de

## A PRIMEIRA FASE DO SÍTIO REVELOU, EM TODOS OS SECTORES INTERVENCIONADOS, UMA CONSIDERÁVEL INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO, TRADUZIDA EM SIGNIFICATIVAS DENSIDADES DE MATERIAIS

ocupação, traduzida em significativas densidades de materiais.

Entre os vários conjuntos artefactuais, destaca-se o dos recipientes cerâmicos. Tomado na globalidade, o aparelho cerâmico é dominado pelas morfologias abertas, onde se destacam os pratos (sobretudo de bordo espessado) com elevadas percentagens (acima dos 40%), estando as taças e tigelas simples igualmente bem representadas. O esféricos e globulares estão igualmente presentes. Os fragmentos carenados são vestigiais e os que permitiram reconstituição total ou parcial da forma revelaram recipientes de carena média e colo troncocónico. As tradicionais taças carenadas, características, sobretudo, do Neolítico Final, não foram registadas. Os elementos de preensão estão quase sempre ausentes. Na campanha de

2000, contudo, foi registado um recipiente globular com pega mamilar. A decoração é rara, estando registados alguns fragmentos com decoração incisa e impressa/incisa. A decoração “simbólica” está presente: um possível motivo solar no interior de um prato; um recipiente carenado decorado com triângulos preenchidos por impressões a punção a topo (os triângulos são obtidos através do desenho de uma faixa central em zig-zag, definida por duas linhas quebradas incisas). Para

além disso surgem decorações à base de caneluras incisas, isoladas ou várias em paralelo, tanto com uma disposição horizontal como vertical. Em dois casos apresentam preenchimento a pasta branca. Existe ainda um fragmento com decoração incisa penteada.[Quadro1]

Igualmente em cerâmica, registaram-se pesos de tear (dominantemente crescentes), cinchos, contas tubulares, malhas, cadinhos e um possível molde.

Quadro 1—Materiais cerâmicos registados nos solos de ocupação da Fase 1\*

		Bordos	Bordos decorados	Bojos decorados	Carenas	Fundos	Bojos	Pesos	Contas	Malhas	Cinchos	Cadinhos	Pegas/asas	Molde	OCNI
Solos de ocupação do Sector 1	Área: cerca de 25m <sup>2</sup>	517	1	2	1	4	2 927	7	1	2	2	4			1
Solos de ocupação do Sector 2	Área: cerca de 22m <sup>2</sup>	164	1		4	1	918	1	1		1				
Solos de ocupação do Sector 3	Área: cerca de 16m <sup>2</sup>	53					508								
Solos de ocupação do Sector 4	Área: cerca de 32m <sup>2</sup>	348	1	3	8		2 225		3			2	1	1	
<b>Totais</b>	<b>95 m<sup>2</sup></b>	<b>1 082</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>6 578</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

\* Não se contabilizaram aqui materiais recolhidos em unidades de ocorrência ou derrubes

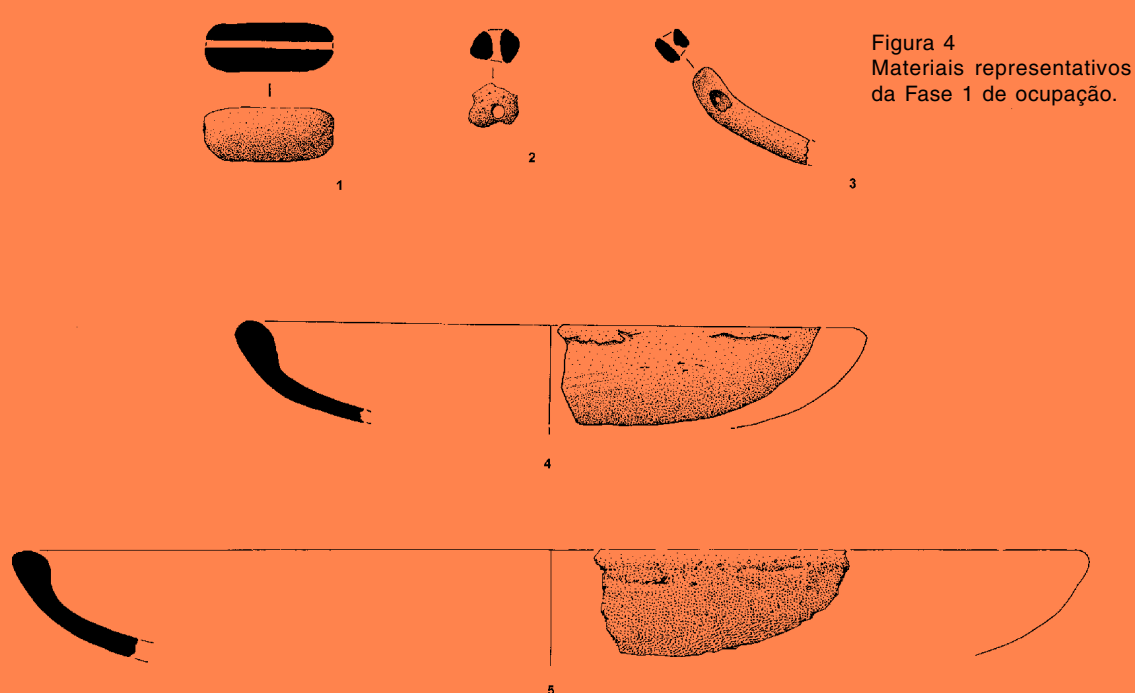
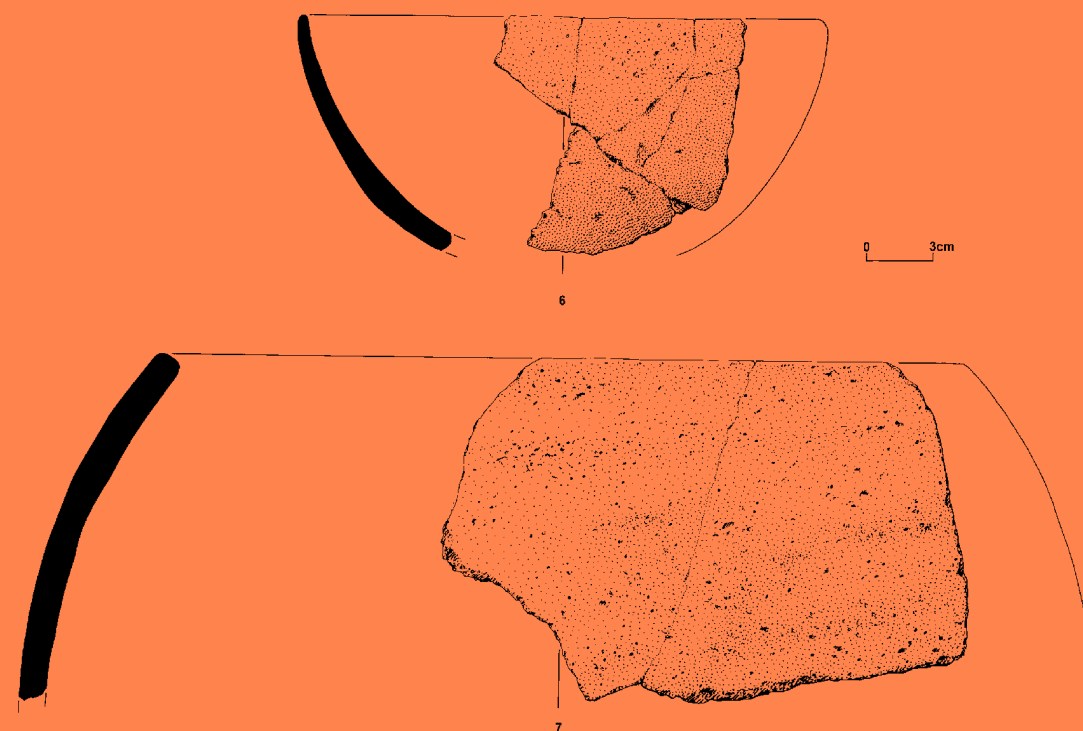
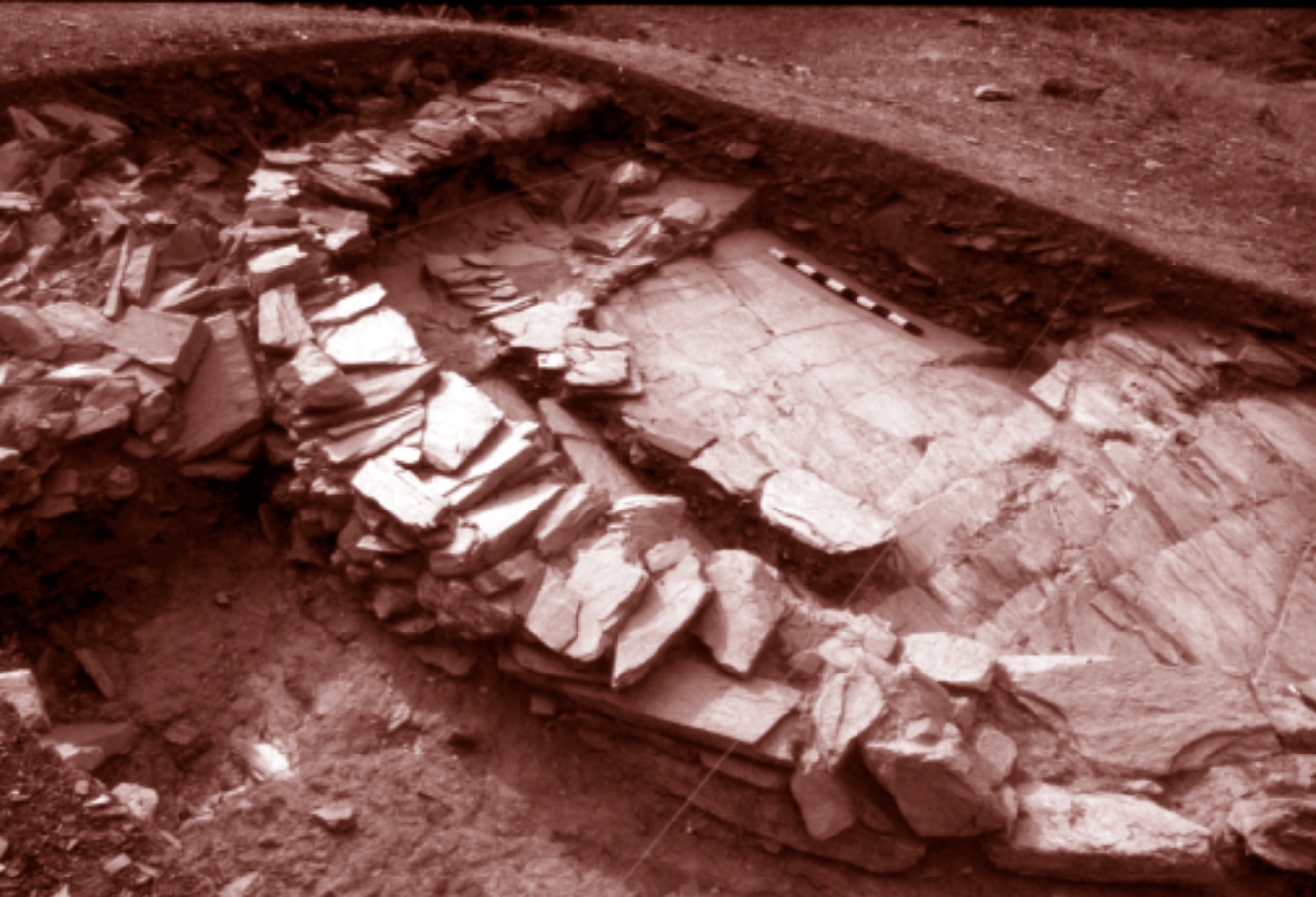


Figura 4  
Materiais representativos da Fase 1 de ocupação.





Estes últimos documentam a presença da actividade metalúrgica, embora esta pareça ser pouco expressiva. Os metais presentes nos níveis estratigráficos correspondentes a esta fase são escassos: um fragmento de lâmina ou ponta, um fragmento distal de escopro e um punção.

No talhe da pedra destaca-se a indústria sobre seixo, orientada para a produção de lascas, utensílios de talhe periférico remontante e pesos de rede. A utensilagem alongada e perfurante não é muito abundante, sendo as lâminas vestigiais. Apenas as pontas de seta são um pouco mais representativas (bases côncavas, rectas, aletas desenvolvidas). As matérias-primas, para além dos seixos de rio (quartzito, xisto), são o xisto jaspóide, o quartzo, o chert e o sílex (estas duas últimas pouco representativas).

A pedra polida é vestigial nos níveis desta fase, estando registado apenas um fragmento de utensílio. Nas unidades estratigráficas mais superficiais apenas se contabilizaram mais três peças. Quanto aos elementos de moagem, estes

encontram-se totalmente ausentes (apenas se registou um dormente à superfície).

No que concerne a dados paleoeconómicos, registe-se a presença de fauna. O número total de restos provenientes das UEs da primeira fase é, contudo, escasso, apresentando-se os ossos bastante fragmentados, facto que dificultou a sua identificação e classificação. A amostra é, assim, bastante reduzida, o que obriga a um particular cuidado na valorização e manipulação dos dados quantitativos obtidos para este conjunto faunístico.

Globalmente, foi identificada a presença de *Cervus elaphus*, *Bos taurus*, *Bos sp.*, *Ovis aries / Capra hircus*, *Sus scrofa domesticus*, *Sus sp.* e *Lepus capensis*. [Quadro 2]

Embora a amostra seja restrita, a análise do quadro 2 parece sugerir um peso mais acentuado da pastorícia, nomeadamente, de ovicaprinos e suídeos, e uma menor representatividade da caça.

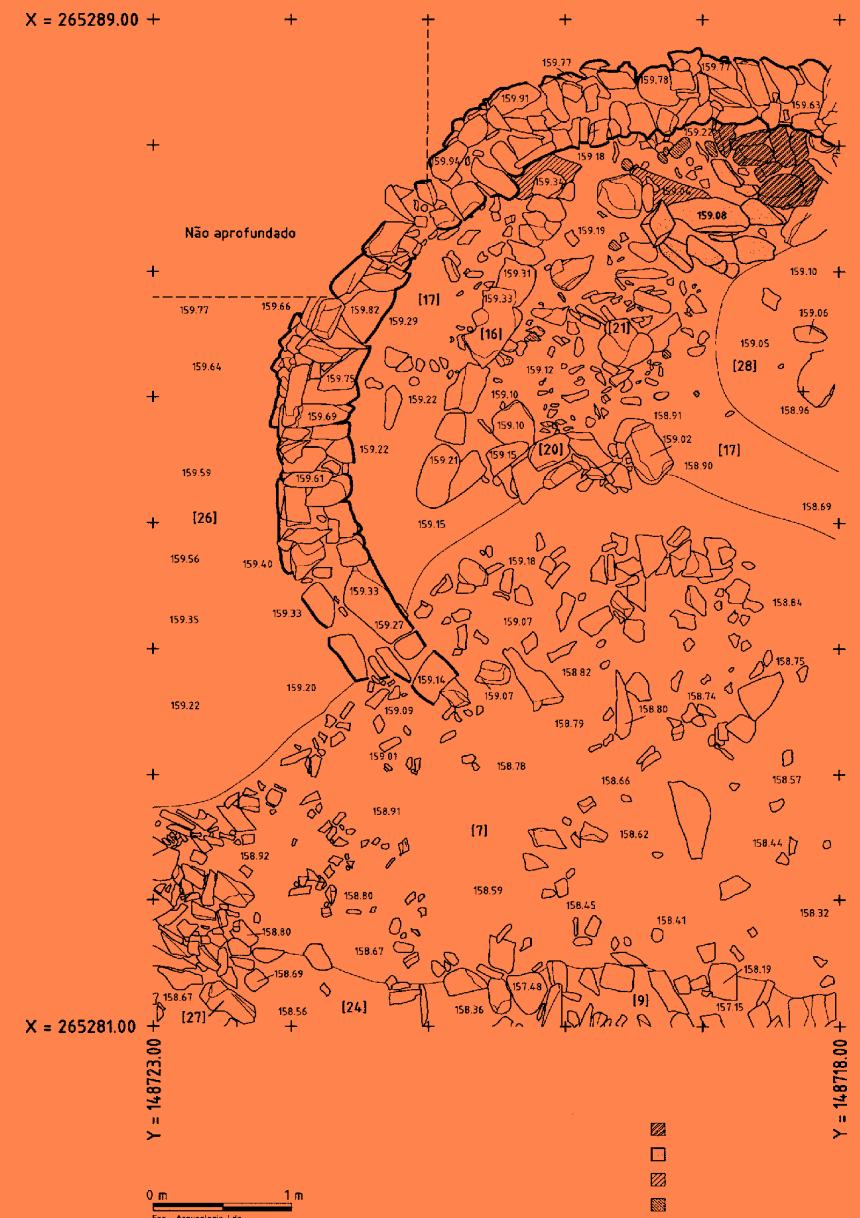


Figura 5  
Cabana da Fase 2  
(Sector 1): a sua ocupação revelou um importante contexto campaniforme.

Figura 6  
Sector 1, Fase 2:  
estruturas da Cabana 1.

Quadro 2—Espécies Faunísticas da Fase 1

Espécies	NMI
<i>Cervus elaphus</i>	2
<i>Bos taurus</i>	1
<i>Bos sp.</i>	1
<i>Ovis aries / Capra hircus</i>	10
<i>Sus scrofa domesticus</i>	5
<i>Sus sp.</i>	1
<i>Lepus capensis</i>	1



## 2.2 A Fase II: o campaniforme e o início da Idade do Bronze

A segunda fase de ocupação está documentada por contextos preservados na sequência estratigráfica do sector 1 e por materiais que ocorrem em derrubes e depósitos de escorrência que se sobrepõem aos contextos da Fase I nos sectores 2 e 4.

### 2.2.1 Estratigrafia e estruturas

No sector 1, esta segunda fase de ocupação corresponde à edificação da Cabana 1 e à sua ocupação (Ambiente 1), realidades que assentavam sobre sedimentos que correspondiam à primeira fase (o já descrito Ambiente 3). Esta cabana não foi integralmente escavada, tendo ficado por intervir a sua metade sul. A estrutura é constituída por um muro de planta circular (UE 10) que apresenta, no quadrante Este, seis fiadas de pedras conservadas em altura que se vão progressivamente reduzindo até à fiada de base, tendo todo o quadrante Oeste desmoronado e desaparecido devido à inclinação do terreno. O muro é construído, na sua maioria, por lajes e pedras de xisto, tendencialmente colocadas em duas fiadas concêntricas, mas também foram utilizadas algumas pedras de quartzo. Como matriz aglutinante foi usada terra, que se apresenta bem compactada e bastante argilosa. A sua espessura é de cerca de 60 cm.

Pelo interior, a UE 17 corresponde a um solo de ocupação que incorporava uma série de realidades estratigráficas. Na metade Norte da cabana, este solo assentava numa espécie de “pavimento” pouco estruturado, constituído por lajes e cascalho de xisto (UE 21), limitado a Oeste pela construção de um alinhamento de lajes de xisto (UE 20) de orientação Norte-Sul.

Na extremidade Este da cabana, junto ao corte Sul da sondagem e encostando

ao muro UE 10, localizam-se duas estruturas geminadas, que correspondem a duas “fossas” estruturadas (Ues 19 e 23). Apresentam uma configuração semicircular, ligeiramente escavada nos sedimentos, sendo delimitada por blocos de xisto colocados lateralmente e inclinados para o interior, cujo fundo é forrado por lajes de xisto ou pelo próprio afloramento. Nos sedimentos que as preenchem (UEs 18 e 22) foram recolhidos alguns (poucos) materiais cerâmicos, que proporcionaram um número significativo de remontagens. A interpretação destas estruturas é problemática, podendo aventar-se como hipótese a possibilidade de terem funcionado como estruturas de combustão (apesar da ausência de carvões, registaram-se seixos rolados e cerâmica queimada), ou como estruturas de apoio à armazenagem (presença de fragmentos de grandes recipientes).

No espaço imediatamente a Oeste, penetrando pelo corte sul da sondagem, identificou-se um depósito de sedimentos argilosos (UE 28) que preenchia uma depressão (fossa ? – UE 31) na camada sobre a qual assenta a ocupação do Ambiente 1. Em determinado momento de sedimentação do solo de ocupação UE 17 foi construído um outro alinhamento de lajes de xisto com duas fiadas sobrepostas. Este alinhamento (UE 16), que apresenta uma orientação NO-SE, compartimenta o espaço interior da cabana, sendo a sua funcionalidade difícil de estabelecer.

Ao final da ocupação da Cabana 1, seguem-se dois momentos de derrube: um primeiro, consubstanciado na UE 13, camada de sedimentos muito argilosos e com pedras de xisto e que poderá ter origem na ruína da cobertura da cabana; um segundo derrube (UE 6), contendo uma grande abundância de pedras e que se relaciona com o desmoronamento das partes superiores da parede.

### 2.2.2 Componente artefactual

O registo material dos níveis de ocupação da Cabana 1 apresenta diferenças assinaláveis relativamente aos conjuntos artefactuais que caracterizam a Fase 1 de ocupação. Para além de uma redução do número absoluto de registos, verifica-se a drástica redução da representatividade estatística dos pratos (apenas 11 registos – com uma percentagem pouco superior a 5%). As pequenas taças em calote tornam-se mais representativas e observa-se o aparecimento de formas novas, como recipientes de base plana com colo estrangulado e bordo exvertido, grandes recipientes de colo estrangulado e cerâmica campaniforme.

Relativamente às cerâmicas campaniformes, no total das áreas intervencionadas contabilizaram-se algumas dezenas de fragmentos que correspondem a 38 recipientes individualizáveis, sendo a grande maioria proveniente das áreas mais altas do povoado, muito concretamente do Ambiente 1 do Sector 1. Efectivamente, a grande maioria destas cerâmicas provém dos níveis de ocupação da Cabana 1, surgindo ainda alguns fragmentos (quatro) integrados nos derrubes resultantes do desmoronamento de parte daquela estrutura. No total, os fragmentos registados no Ambiente 1 correspondem a 32 dos 38 recipientes campaniformes individualizáveis. Nos outros sectores intervencionados, o campaniforme ou está ausente (caso do sector 3), ou ocorre vestigialmente em níveis de derrube ou escorrência que cobrem ocupações da primeira fase (caso do sector 2, com nove fragmentos na UE 203, correspondendo a 4 recipientes diferenciáveis, e do sector 4, com 6 fragmentos, correspondendo a um número mínimo de 2 recipientes, em camadas superficiais (UEs 402, 411, 416 e superfície).

Relativamente à sua morfologia, 19 permitem uma reconstituição total ou parcial das formas, que se enquadram em três grandes tipos: 7 vasos acampanulados (cinco são lisos), 6 caçoilas (uma lisa) e 6 pequenas taças em calote.

Quanto à decoração (que também ocorre, através de linhas zigzagueantes, no interior dos recipientes, junto ao bordo), as técnicas presentes no Monte do Tosco são quase que exclusivamente a incisa e incisa com preenchimento a pasta branca. Apenas em dois fragmentos surgem impressões associadas à incisão: num caso pontos impressos a punção no topo, noutro pequenos círculos levemente impressos. O pontilhado está ausente. Tanto ao nível das técnicas e motivos decorativos, como das associações morfológicas presentes, a cerâmica campaniforme do Monte do Tosco enquadra-se no designado complexo de Ciempozuelos, grupo onde também é frequente a ocorrência de recipientes lisos.

Acompanhando a cerâmica campaniforme no interior da Cabana 1, foi registado um número de artefactos metálicos (cobre ou cobre arsenical) superior ao proporcionado pelos contextos da primeira fase. Na UE 17 registaram-se um punção, uma fina folha metálica enrolada, formando um objecto circular alongado, um fragmento composto por duas finas lâminas sobrepostas e um fragmento inclassificável, enquanto que na UE 28 se recolheram dois pingos de fundição e um punhal de lingueta, reproduzindo uma associação comum a inúmeros contextos campaniformes peninsulares.

Quanto aos restos faunísticos, foi registado um número muito escasso de ossos, que possibilitaram a identificação de apenas dois indivíduos de *Ovis aries* ou *Capra hircus*, facto que não permite uma comparação com os dados da primeira fase.

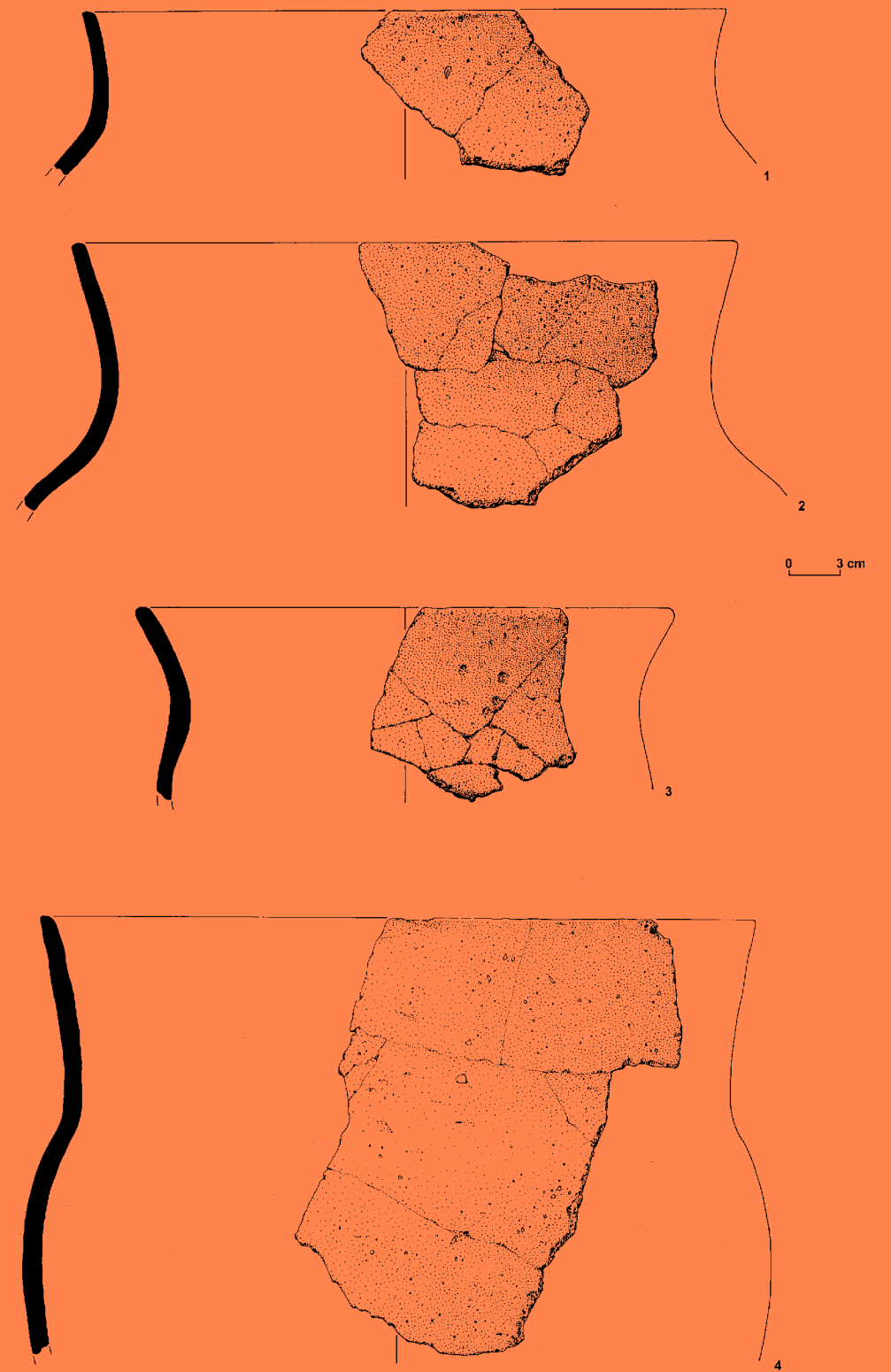


Figura 7  
Materiais campaniformes  
provenientes da Cabana 1

Figura 8  
Grandes recipientes de colo estrangulado  
provenientes da Cabana 1

### 3. O povoado e a rede local de povoamento: algumas considerações

As intervenções de campo já realizadas permitem caracterizar o Monte do Tosco 1 como um povoado fundado num momento pleno do Calcolítico regional, cujas estratégias de localização parecem vinculadas aos recursos proporcionados pela Ribeira de Alcarrache e a necessidades de protecção e controlo visual do território e paisagem envolventes.

Apresentando desde o início uma compartimentação espacial física positiva, materializada na edificação de estruturas em pedra (e eventualmente terra) com funcionalidades e simbolismos múltiplos (não esqueçamos as repercussões mentais e ideológicas de um espaço arquitectado e compartimentado), este sítio apresenta-se, durante o Calcolítico Pleno, como um contexto eminentemente doméstico, de intensa ocupação (expressa por elevadas densidades de materiais arqueológicos) e onde várias actividades relacionadas com a subsistência e produção artesanal estão documentadas.

Ao nível das actividades produtivas relacionadas com a satisfação das necessidades alimentares, é de realçar a escassez de indicadores relativos à actividade agrícola. Sendo certo que a produção de determinados produtos agrícolas, nomeadamente, hortícolas, dispensa o recurso a mós e a foices, não deixa de ser significativo a quase total ausência de elementos de moagem, elementos de foice ou ainda de utensilagem de pedra polida passível de ser usada em tarefas agrícolas de preparação de campos. A componente agrícola, nomeadamente cerealífera, parece, assim, não deter um peso determinante na economia desta comunidade, facto que contrasta com o

domínio, no aparelho cerâmico, de formas tradicionalmente relacionadas com ementas à base de cereais, caso dos pratos, o que sugere que estes nem sempre serão um seguro indicador de uma economia produtora de forte pendor agrícola cerealífero.

Pelo contrário, apesar da escassa fauna preservada, a actividade pastoril parece ter desempenhado um papel mais relevante, sobrepondo-se à caça (também documentada). Associada à pastorícia registou-se ainda a produção de lacticínios (se aceitarmos a classificação como cinchos das cerâmicas sem fundo e paredes perfuradas). Por outro lado, a implantação sobre a Ribeira do Alcarrache e a proximidade do próprio Guadiana (cerca de 2 Km), permitiram que o peixe, cuja pesca pode ser inferida a partir do significativo conjunto de pesos de rede recuperado, desempenhasse igualmente um papel importante na dieta alimentar.

Entre as actividades artesanais está atestada a tecelagem, através da presença de vários fragmentos de pesos de tear, cujo número, contudo, não é particularmente elevado. Na produção de utensílios destaca-se, para além da cerâmica, a indústria lítica talhada sobre seixos de rio, perfeitamente integrada numa tradição de longa data que se observa na região. Por seu turno, a metalurgia e a utilização de artefactos metálicos encontram-se documentadas pela presença de cadinhos, moldes (?), restos de fundição e artefactos, embora com reduzida expressão no registo arqueológico.

Relativos à vivência mais espiritual, e com excepção de escassos fragmentos cerâmicos que apresentam decoração simbólica, estão ausentes do registo elementos de inequívoco carácter sagrado, enquanto que os objectos de

adorno se restringem a algumas contas tubulares em cerâmica (cuja exclusiva interpretação como elementos de adorno não está fechada a contestação).

Este quadro, essencialmente doméstico, observado para a primeira fase da vida do povoado, completa-se com uma imagem de frouxa interacção a nível transregional. Efectivamente, mesmo tendo em conta que a interacção se manifesta de múltiplas formas, muitas das quais nem sempre cristalizadas no registo arqueológico (o que dificulta o seu reconhecimento e avaliação), poderemos considerar a quase total ausência de elementos de eventual ou indiscutível proveniência alógena à região como um indicador de baixos níveis de interacção transregional. O contacto com o exterior distante processar-se-ia, assim, sobretudo através da integração desta comunidade na estrutura de um sistema regional de povoamento, e não tanto através de formas mais ou menos directas.

Na realidade, o registo arqueológico do Monte do Tosco 1 documenta-nos um recurso quase que exclusivo a matérias-primas locais ou de áreas limítrofes. Na indústria lítica talhada, dominam os seixos de rio, seguidos de peças produzidas em rochas xistosas, enquanto o sílex, inexistente na região, é vestigial. Para a metalurgia, não estando cartografadas jazidas de cobre no local, são conhecidas potenciais fontes de matéria-prima cerca de 20 Km para Sul e Sudeste, junto a Moura e a Barrancos (SOARES, ARAÚJO e CABRAL, 1994).

Quanto às morfologias presentes nas várias categorias artefactuais, estas enquadram-se perfeitamente nos parâmetros regionais e locais, o mesmo acontecendo com as escassas decorações de recipientes cerâmicos. A excepção é a presença de um bordo com decoração incisa penteada, que, na

região, apenas se encontra registado (e também de forma vestigial) no povoado dos Perdígões (VALERA, 1998a). Ocorrendo também, com maior representatividade, em contextos do Calcolítico Pleno da Estremadura espanhola (Las Cabrerizas II, Cerro de la Horca II, La Pijotilla), a presença destes motivos e técnica decorativa na bacia do Guadiana é vista como uma influência setentrional (*idem*), a partir do Centro/Norte do Ocidente Peninsular, onde, apresentando antecedentes datáveis do Neolítico Antigo (VALERA, 1998b), têm a sua grande divulgação durante o Calcolítico e Início da Idade do Bronze.

Perante a inexistência de datações absolutas, teremos que, de momento, recorrer a cronologias relativas, baseadas no registo artefactual (sobretudo cerâmico) e estratigráfico, para ancorar no tempo a primeira fase de ocupação do Monte do Tosco 1.

Uma breve análise do aparelho cerâmico desta fase sugere que estaremos perante uma situação integrável naquilo que, no âmbito de perspectivas histórico-culturalistas, foi denominado por *horizonte do prato de bordo espessado* (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, 1990) e que corresponderá a um momento pleno do Calcolítico regional. Este tipo de contextos encontra-se em áreas como a Estremadura espanhola, documentado em numerosos povoados (La China, C. Calvario, Oliva, Los Olivares, Las Viñas, Alagon, Zarza ou Placina), no interior alentejano em Santa Vitória (DIAS, 1996), Moncarxa (SOARES e SILVA, 1992) ou Estrutura 2 do Monte Novo dos Albardeiros (GONÇALVES, 1988/89), ou ainda na própria rede local de povoamento, em que se integrará o Monte do Tosco, em contextos como os Cerros Verdes 3 (LAGO, 1998), fase 2 do Moinho de Valadares (VALERA, 2000) e



Mercador<sup>4</sup> (inédito). Globalmente, nestes contextos verifica-se que a presença abundante de pratos é acompanhada pela ausência ou extrema raridade de morfologias vulgares no Neolítico Final, como são as taças carenadas ou os potes mamilados. Na região, a única datação disponível para contextos com esta recorrência artefactual foi obtida para o Monte Novo dos Albardeiros, sendo enquadrada na primeira metade do 3.º milénio AC.

A segunda fase de vida do povoado aparece representada pelos contextos que forneceram materiais campaniformes, sendo ainda difícil de documentar a existência de um hiato entre os dois momentos. Porém, se no Sector 1 a ocupação desta segunda fase assenta directamente sobre os níveis da primeira, nos sectores 2 e 4, os materiais campaniformes ocorrem entre os derrubes e escorrências que se sobrepõem às ocupações do Calcolítico Pleno, sugerindo a existência de um período de abandono do sítio e uma posterior reocupação, o que as características tipológicas tardias dos materiais da fase 2 parecem confirmar.

Os dados relativos a esta segunda fase de vida do sítio são mais parcelares. De momento, o quadro que se configura é o de que a ocupação parece agora restringir-se à área superior do cabeço, tendo o único contexto preservado sido identificado no Sector 1 (Cabana 1, Ambiente 1).

Os dados paleoeconómicos são agora mais escassos. Os indicadores de actividades agrícolas continuam ausentes e os dados faunísticos são mais escassos, estando contudo documentada a pastorícia de

#### ESTE QUADRO, ESSENCIALMENTE DOMÉSTICO, OBSERVADO PARA A PRIMEIRA FASE DA VIDA DO POVOADO COMPLETA-SE COM UMA IMAGEM DE FROUXA INTERACÇÃO A NÍVEL TRANSREGIONAL

ovicaprinos. É ainda de salientar a presença de grandes recipientes, passíveis de serem utilizados para armazenamento.

Ao nível da cultura material, observam-se profundos contrastes no aparelho cerâmico. Efectivamente, no caso do contexto fechado da Cabana 1, juntamente com a presença de campaniforme inciso e recipientes de base plana e colo estrangulado, observa-se a quase total rarefacção dos pratos (anteriormente dominantes). Os poucos fragmentos registados poderão corresponder a integrações de ordem tafonómica de materiais pré-existent, ocorridas durante a ocupação consubstanciada na UE 17, embora a sobrevivência desta forma cerâmica em momentos tardios do Calcolítico e do início da Idade do Bronze seja conhecida em vários contextos do Sudoeste Peninsular e até em áreas mais setentrionais.

Os metais aparecem agora com uma representatividade ligeiramente mais acentuada, encontrando-se a maioria dos registos de artefactos e restos metálicos no contexto da Cabana 1. Esta situação de aparente aumento da representatividade de materiais metálicos em contextos com campaniforme encontra igualmente paralelos em áreas vizinhas, nomeadamente na Estremadura espanhola (Enríquez Navascués, 1990).

É, contudo, a representatividade da cerâmica campaniforme o aspecto mais marcante do registo artefactual proporcionado por esta segunda fase de ocupação, destacando-se mesmo a nível

#### A SEGUNDA FASE DE VIDA DO POVOADO APARECE REPRESENTADA PELOS CONTEXTOS QUE FORNECERAM MATERIAIS CAMPANIFORMES

regional no que respeita à ocorrência destas cerâmicas, contribuindo para a paulatina alteração da imagem de fraca expressão deste fenómeno no Sul de Portugal, onde os contextos com campaniforme se têm vindo a multiplicar. Na parte portuguesa da bacia hidrográfica do Guadiana estão já registados onze sítios: como povoados temos Perdígões (ALBERGARIA, 1998), Outeiro de S. Bernardo (BUBNER, 1979), Porto das Carretas (informação pessoal de Carlos Tavares da Silva), Cerros Verdes 3 (LAGO, 1998), S. Brás (PARREIRA, 1983), Três Moinhos (SOARES, 1992), Castelo Velho de Safara (SOARES, ARAÚJO e CABRAL, 1994), Sala n.º1 (GONÇALVES, 1987) e, agora, o Monte do Tosco 1; como contextos funerários temos o dólmen 1 da Herdade de Vale Carneiro (BUBNER, 1979) e o tholos do Monte das Pereiras (*idem*).

Apresentando uma significativa homogeneidade ao nível das técnicas e organizações decorativas, o conjunto campaniforme do Monte do Tosco 1 encontra fortes paralelos em alguns destes contextos da região. É o caso dos povoados dos Perdígões e Outeiro de S. Bernardo, respectivamente a 20 Km a Noroeste e 15 Km a Sul. Ao nível das técnicas, nos Perdígões, embora com contextualizações problemáticas, as decorações incisivas, claramente predominantes, surgem acompanhadas do pontilhado, nomeadamente estilo Internacional de bandas. No Outeiro de S. Bernardo, entre os 11 fragmentos registados, 10 apresentam decoração incisa e apenas um é impresso (pontilhado geométrico). Em ambos os sítios estão presentes as organizações decorativas incisivas à base de linhas horizontais simples ou quebradas, com ou sem incrustação a pasta branca,

padrões predominantes no Monte do Tosco. Ausentes nos Perdígões, mas presentes no Outeiro de S. Bernardo, surgem também as organizações à base de triângulos preenchidos por traços e faixas quebradas. Outros elementos que encontram paralelos nestes contextos são a decoração das bases em cruz, através de métopas verticais (normalmente em número de quatro), e a decoração interna junto ao bordo, através de linhas quebradas ou faixas quebradas, esta última também representada no povoado dos Três Moinhos, onde foi pela primeira vez detectada na região (SOARES, 1992).

Por outro lado, a cerâmica campaniforme lisa encontra paralelo no povoado dos Cerros Verdes 3, localizado igualmente na margem esquerda do Guadiana, 7 Km a SO do Monte do Tosco, e em vários contextos do tradicionalmente designado, e hoje questionado, *Horizonte de Ferradeira* (SCHUBART, 1971).

Estes padrões decorativos incisivos são igualmente comuns um pouco por todo o Sul peninsular, desde a bacia do Guadalquivir, em sítios como Acebuchal, Las Arenas, Bélmez (LÓPEZ ALDANA, 1999), até à sua extremidade oriental, em Almizaraque, Los Millares, Cerro de la Virgen, entre outros (GARRIDO PENA, 1996), ou no Levante (Cova Santa de font la Figuera, Cova dels Gats, Camí de l'Alfogàs – BERNEBEU, 1984).

De uma maneira geral, o conjunto do Monte do Tosco pode ser inserido no designado complexo de Ciempozuelos, quer ao nível das técnicas e organizações decorativas, quer a nível morfológico, estando presentes as três formas que normalmente surgem associadas neste complexo: os recipientes acampanulados, as caçoilas e as taças ou tigelas em calote. A própria presença de cerâmicas

<sup>4</sup> Sítio inédito, já intervencionado no âmbito do Bloco 5 das acções minimizadoras do empreendimento do Alqueva e cujos resultados preliminares parecem apontar para uma extensa área com inúmeras fossas e silos, possivelmente com contextos habitacionais associados, situada a pouco mais de mil metros do povoado fortificado do Porto das Carretas.

campaniformes lisas é frequente nos contextos deste complexo que abrange quase todo o interior peninsular.

Relativamente ao posicionamento cronológico desta segunda fase de ocupação do Monte do Tosco 1, é recorrente a atribuição das cerâmicas incisas, tanto do complexo de Palmela como do complexo de Ciempozuelos, e das cerâmicas campaniformes lisas a momentos tardios dentro do fenómeno campaniforme, correspondendo a comunidades que se encontram já na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze ou mesmo já do Bronze Inicial (JORGE, 1990: 186). De momento, não existem datações de radiocarbono para contextos campaniformes na bacia do Guadiana. Contudo, na Andaluzia, os campaniformes incisos estão datados entre os finais do 3.º / inícios do 2.º milénio AC (2020-1980 cal AC e 1910 cal AC) em Ronda la Vieja (Málaga) (MEDEROS MARTÍN, 1996), cronologia que provisoriamente achamos aceitável para a fase final de ocupação do Monte do Tosco.

Face ao exposto, o Monte do Tosco 1 apresenta-se como um contexto fundamental para o estudo do povoamento Calcolítico e do início da Idade do Bronze na região. Na realidade, praticamente desconhecida até ao arranque das acções de minimização do impacte da barragem do Alqueva, a rede de povoamento da Pré-História Recente da margem esquerda do Guadiana, a norte do Alcarrache, começa hoje a ser conhecida de forma particularmente aprofundada, graças a uns quantos sítios que têm vindo a revelar um potencial informativo extremamente rico. No que aos sítios de *habitat* diz respeito, dispomos hoje de quatro contextos fundamentais para a historiografia das comunidades que habitaram aquela área, cobrindo o período da 2.ª metade do IV ao início

## FACE AO EXPOSTO, O MONTE DO TOSCO 1 APRESENTA-SE COMO UM CONTEXTO FUNDAMENTAL PARA O ESTUDO DO POVOAMENTO CALCOLÍTICO E DO INÍCIO DA IDADE DO BRONZE NA REGIÃO

do II milénio AC: são eles, para além do Monte do Tosco 1, o Moinho de Valadares, Mercador e Porto das Carretas. A vertente funerária é pior conhecida, contando apenas com os dados proporcionados pela intervenção no monumento da Fábrica da Celulose. Mas a estes contextos há ainda que reunir toda uma série de dados, menos sólidos, proporcionados pelos vestígios de superfície de outros tantos sítios.

Na globalidade, portanto, os trabalhos efectuados e ainda a realizar no âmbito do empreendimento do Alqueva, seguindo questionários e metodologias actuais, possibilitarão a construção de um conhecimento aprofundado sobre o povoamento pré-histórico desta área da bacia do Guadiana, constituindo-se como um *case study* de referência para futuros trabalhos na região.

### 4. Avaliação do impacte e medidas de minimização

**A**s intervenções arqueológicas realizadas confirmaram a ideia do grande potencial patrimonial e científico sugerida pelos dados de superfície.

Uma parte significativa do sítio, onde se preservam importantes contextos arqueológicos (nomeadamente no Sector 1 e 2), situa-se acima da cota máxima de enchimento, não sendo, por isso, directamente afectada pelo regolfo da barragem.

Contudo, o sector 4, onde se documentou uma complexa estrutura

de contenção/delimitação/fortificação, à qual surge associada uma área de solos, ocupação com estruturas aparentemente habitacionais (não totalmente intervencionadas), será directamente afectado pelo regolfo. Por outro lado, outras áreas de limite do povoado ainda não intervencionadas, concretamente em toda a vertente Leste, serão igualmente afectadas.

Em face das realidades expostas e da importância patrimonial e científica que assumem, foi sublinhada a necessidade de alargar as medidas de minimização inicialmente previstas, procedendo a mais trabalhos arqueológicos nas zonas-limite do povoado, de forma a completar o registo das importantes realidades detectadas, elaborar e aplicar um plano de consolidação e protecção das estruturas sujeitas a submersão.

### Bibliografia

- ALBERGARIA, João, (1998), "Recipientes cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdígões", in Miguel Lago *et al.*, (1998), "O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 1, IPA, Lisboa, p. 45-152.
- BERNEBEU, Joan, (1984), *El vaso campaniforme en el País Valenciano*, Servicio de Investigación Prehistorica, Serie de Trabajos Varios, N.º80, Valencia.
- BUBNER, Thomas, (1979), "A ocupação campaniforme do Outeiro de S. Bernardo (Moura)", *Ethnos*, 8, Lisboa, p.139-151.
- DIAS, A. C., (1996), *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.
- ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J., (1990), *El Calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremenha del Guadiana: los Poblados*, Badajóz, Editora Regional de Extremadura.
- GARRIDO PENA, Rafael, (1996), "Redes de intercambio entre el Sureste y el País Valenciano durante el Calcolítico. Reflexiones en torno a un patrón decorativo campaniforme", *Complutum*, 7, Madrid, p. 63-72.
- GOMEZ FUENTES, A., (1978), "Sobre los conceptos de Suelo de Habitación y Piso de Ocupación en Prehistoria", *Zephyrus*, 28/29, Salamanca, p. 93-108.
- GONÇALVES, V. S., (1987), "O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1(88)", *Portugália*, Nova Série, 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1988-89), "A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)", *Portugália*, Nova Série, 9-10, Porto, p. 49-61.
- JORGE, Susana O., (1990), "Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia", *Nova História de Portugal. Portugal das origens à romanização*. (J. Alarcão, coord.), Cap. IV, Lisboa, Editorial Presença, p. 163-212.
- LAGO, M., (1998), *Cerros Verdes 3 (Moura). Relatório dos trabalhos arqueológicos*. ERA-Arqueologia Lda, policopiado.
- LÓPEZ ALDANA, Pedro Manuel, (1999), *Relación de sitios arqueológicos con cerâmicas campaniformes en el bajo valle del Guadalquivir y áreas periféricas: sus contextos*, Relatório Policopiado.

- MEDEROS MARTÍN, A., (1996), "La cronologia absoluta de Andalucía occidental durante la Prehistoria Reciente (6100-850 A.C.)", *SPAL*, 5, Sevilla, p. 45-86.
- PARREIRA, R., (1983), "O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980", *O Arqueólogo Português*, Série 4, 1, Lisboa, p. 149-168.
- SILVA, A. Carlos (Coord.), (1996), *Património arqueológico no regolfo de Alqueva. Quadro geral de referência*, EDIA.
- SCHUBART, H., (1971), "O Horizonte de Ferradeira. Uma cultura do Eneolítico tardio no Sul de Portugal", *Revista de Guimarães*, LXXXI, p.189-216.
- SOARES, A. Monge, (1992), "O povoado calcolítico dos três moinhos (Baleizão, concelho de Beja)", *Setúbal Arqueológica*, vol. IX-X, p. 291-314.
- SOARES, A. M., ARAÚJO, M. Fátima e CABRAL, J. Peixoto, (1994), "Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança", *Arqueologia en el torno del Bajo Guadiana*, Huelva, p.165-200.
- SOARES, Joaquina e SILVA, C. Tavares, (1992), "Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos", *Setúbal Arqueológica*, vol. IX-X, p. 37-88.
- VALERA, António Carlos, (1998a), "Análise da componente cerâmica", in Miguel Lago *et al.*, (1998), "O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 1, IPA, Lisboa, p. 45-152.
- VALERA, António Carlos, (1998a), "A neolitização da bacia interior do Mondego", *Actas do colóquio A Pré-História na Beira Interior*, Estudos Pré-Históricos, 6, Viseu, p. 131-148.
- VALERA, António Carlos, (1999), "O povoado fortificado do Monte do Tosco 1: primeira campanha de escavações no âmbito do PMIA do Alqueva", *Almadan*, 8, p. 213-214.
- VALERA, António Carlos (2000), "Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar", *ERA-Arqueologia*, 1, Lisboa, ERA/Colibri, p. 21-37.